



Movimentos dos cavalos no campo



Por Ruud Knaapen

1. Manadas querem estar **completas**, manadas internas também. Esta força funciona **consciente** e **inconscientemente**. De forma consciente se percebe enquanto “estar incluído” ou o medo de “não pertencer mais”. É um princípio básico que observamos também na manada entre a égua e o potro. O cavalo individual só sobrevive quando a manada sobrevive. Às vezes a égua mantém os potros a distância até que eles se comportam de acordo com as regras da manada.

Inconscientemente esta força vinculativa ou de pertencimento funciona de outra maneira: a manada **como um todo** tem a tendência de querer se tornar completa. Esta força funciona de igual modo a nível coletivo e individual. Na maioria das vezes sem que isto seja experimentado de forma consciente. Esta força te toma, muitas vezes com uma velocidade maior que a luz. Podemos observar isto também nos cavalos. Quando no meu grupo a função de égua líder não pode ser exercido porque ela não está presente, imediatamente um outro membro da manada assume este comportamento. Já se observou na natureza que na ausência de um garanhão, éguas apresentam comportamento de garanhão. O que é importante saber é que esta força coletiva funciona perpassando os indivíduos. Não estamos conscientes disto. Estamos sendo dirigidos por esta força do campo coletivo; a manada. Estamos sendo tomados no lugar de nos mesmos poder agir.

2. Manadas necessitam de ordenamento, não importe qual. O resultado disto é que cada um tem seu próprio lugar. E isto serve a sobrevivência. Ordenamento no mundo dos cavalos não é a mesma coisa que hierarquia no conceito humano. O ordenamento dos cavalos é o resultado da relação 1 a 1 entre os cavalos.

3. Manadas sobrevivem **a serviço da vida**. Cavalos já existem 65 milhões de anos. A serviço da vida significa que aparentemente existe uma força que está disposta a desistir do passado ou “do velho” a favor da vitalidade e força de vida. Quando cavalos registram que a vitalidade está em perigo (por exemplo, numa sessão) eles instintivamente se retiram deste movimento porque este movimento serve mais o passado que o futuro. A força ligada a este princípio é chamado por Bert Hellinger de “Geist” ou poder de criação. É uma força que vai além de bem ou mal, uma força que causa tanto guerra quanto paz. Na sua essência é uma força que gera transformação.

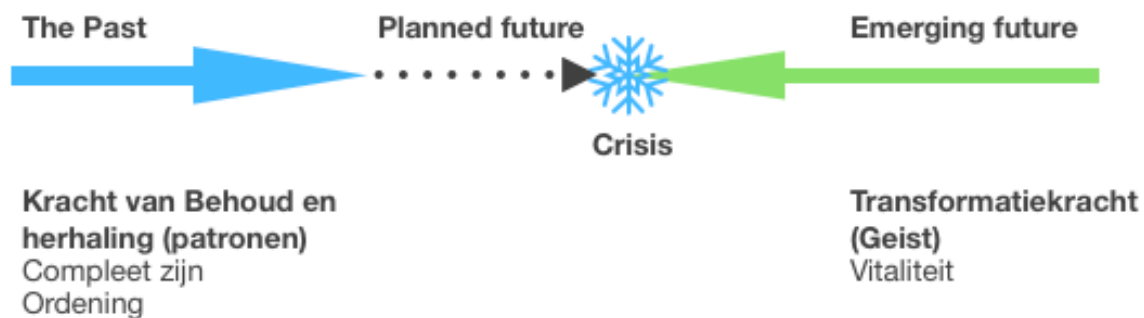
Esta força é impessoal; funciona igualmente para todos.

No livro “Coaching com cavalos, uma abordagem sistêmica” descrevo três forças que podem ser observadas numa sessão. A primeira é a pressão integrativa e a segunda a pressão distintiva. A terceira é a vitalidade ou a potencia de vida. Estes apareçam ou estão a serviço dos princípios acima descritos, mas funcionam de modo específico. É importante para o facilitador reconhecer essas forças porque eles mostram algo da manada ou do sistema do cliente.

É importante saber que a pressão integrativa e distintiva funcionam a serviço da preservação, da preservação do grupo ou da manada ou da sobrevivência do indivíduo. São forças instintivas que ajudam na sobrevivência. Vitalidade é de outra qualidade. Vitalidade serve a própria vida, além da manada ou do indivíduo. Com outras palavras: vitalidade pode também significar a finitude de um sistema, uma manada ou um indivíduo. Vitalidade ou Geist sempre funciona de forma impessoal. Esta força funciona para todos de igual grau, sem distinção. De certa forma podemos comparar Geist com uma intervenção: Geist interrompe ou infla padrões de conservação. O funcionamento de Geist não pode ser planejado ou construído. Geist funciona a serviço da vida, veja isto como um potencial de vida que em qualquer forma encontra seu caminho, constrói e termina. Onde completude e organização servem a preservação e, portanto, muitas vezes servem o passado, Geist serve passado e futuro. Tenho a impressão que Geist também é uma ordem, mas da vida sobre a sobrevivência. Geist garante que a vida pode continuar, de qualquer forma. Geist nos tem e não vice-versa.

Jan Jacob Stam descreve duas formas de futuro: o futuro planejado e o futuro emergente. O futuro planejado é uma construção, algo que projetamos “para frente” a partir de agora. Considera isto um avanço a algo que ainda vai acontecer. O futuro emergente é um futuro que se move em nossa direção e que está além da nossa capacidade de construir. Onde o futuro emergente cruza nosso futuro planejado, muitas vezes vemos emergir uma crise. O futuro emergente tem uma força tão destrutiva quanto criativa. O futuro emergente é capaz de levar uma pessoa ou sociedade a um estado de transformação em 1 momento.

Num esquema:



Os movimentos básicos dos cavalos, pressão integrativa e distintiva & vitalidade

Pressão integrativa.

A pressão integrativa tem como objetivo juntar de novo algo que no passado estava junto ou integra-lo num sistema maior. Isso pode ser ao nível do indivíduo, mas também ao nível de uma organização ou sistema familiar. Pressão integrativa surge porque algo foi excluído, muitas vezes porque era muito doloroso. Em nível individual podemos afirmar que quando nossos mecanismos de cooptação estão ativados, algo muito doloroso que (ainda) não conseguimos olhar está sendo excluído. Sistemas querem estar completos e por isso surge imediatamente pressão e imediatamente o movimento ao contrario: *o sistema como um todo trabalha para trazer de volta a parte que foi excluída*. Exclusões são buracos na pessoa ou no sistema. Os cavalos registram isto imediatamente. Sobreviver 65 milhões de anos mostra-os imediatamente o fato que algo está incompleto no cliente ou no sistema do cliente. Isto determina em grande parte como o cavalo reage à interação com (o sistema do) o cliente.

Pressão distintiva.

A pressão distintiva funciona diferenciando e serve a diferenciação, isto quer dizer que visa criar ordem, dar a cada um seu próprio local apropriado no todo e de tal forma que o todo provavelmente tem maior chances de sobrevivência. Para os cavalos isto é um processo continuo e o fazem através de sinais e comportamentos mínimos na maneira como lidam uns com os outros com o espaço de forma passivo ou ativo. A pressão distintiva aumenta quando existe muita confusão na alma ou no sistema, muitas vezes originado em acontecimentos dolorosos ou surgimento de buracos. No momento que a criança toma o lugar dos pais, dos avos ou de alguém excluído (por exemplo, um perpetrador) observamos que o sistema como um todo garante que outros preencham este lugar vazio. Isso interrompe o ordenamento e cria pressão distintiva. O cavalo registra imediatamente quando uma pessoa não está em seu próprio lugar, está fora de ordem. Para o cavalo isto vale à custa da

previsibilidade. Por exemplo: crianças que acabaram no lugar de avô ou avó e se tornaram pais de seus pais sabem bem o que a outra pessoa precisa, mas não sabem o que elas mesmas precisam. Isso os torna imprevisíveis para cavalos. As crianças que estão trianguladas têm de alguma maneira internalizada a dupla lealdade. O cavalo registra isto imediatamente.

Ambas as forças se integrativa e distintiva se revezam constantemente em sistemas, às vezes eles trabalham uns contra os outros. Decisivo para um

repouso ou equilíbrio temporário é que os buracos são reconhecidos. Isto tranquiliza o sistema, mas também os cavalos bem como o ordenamento. No momento em que não há pressão integrativa ou pressão distintiva podemos observar isto na relação entre cavalo e cliente: não há nada mais que quer se mover no relacionamento. Há um equilíbrio temporário onde ambos estão conectados e em seu próprio lugar. Só então existe a possibilidade de troca sem fusão, sem confusão. Do seu próprio lugar é possível sentir aonde o sistema ou o rebanho quer ir, o que é possível e o que não é possível. Bert Hellinger chama isto de sabedoria sistêmica: saber o que é possível e o que não é possível. Seu rebanho ou sistema então se torna uma fonte, um rebanho completamente internalizado.

A serviço da vida.

A serviço da vida serve o progresso da vida, a vitalidade e, portanto, também serve como um indicador para quando a vitalidade está em perigo. Por exemplo, quando um sistema ou tarefa atingiu seu destino e a finitude não é reconhecida. Isso acontece à custa do potencial vital. Potência demanda para ser vivido e também a coragem de finalizar algo. Quando o facilitador ou o cliente está mais focado em conservar onde não há mais potencial, os cavalos se retiram ou mostram que aqui e agora é um momento para olhar a finitude nos olhos. Obviamente, há mais poder nisso do que a continuação do antigo. Deixar algo não resolvido para trás com amor ou virar as costas tem algo de energia de perpetrador. A vida, o cliente e o facilitador necessitam isto para poder acompanhar esta força. A vida muitas vezes dá indicações sutis ou menos sutis que estamos há muito tempo num caminho onde não há mais potencial. Os cavalos também mostram isso. Eles simplesmente se retiram da sessão. O que eu vi na prática é que a égua líder geralmente tem o primeiro e maior acesso a essa força. Cavalos estão mais conectados às forças de conservação.

Receber, o movimento básico.

Há algum tempo eu estava visitando um amigo no Brasil por alguns dias. Ele é descendente de Guaranis, o povo que procura há séculos a terra "sem males", um lugar cuja existência foi inspirada por seus antepassados. Os guaranis consideram a terra como a origem da vida. Ele me disse o seguinte: "quando

você toma uma planta, você toma também toda a informação que está armazenada naquela planta, toda a sabedoria. Você também toma todas as informações do sistema maior do qual a planta faz parte”. A imagem que me veio depois de ouvir essa história foi que depois do movimento de tomar (da planta) segue um segundo movimento: ao aceitar a planta e toda a informação armazenada lá, eu me tornarei parte do maior (eco) sistema ao qual a planta pertence. É importante que eu abandone todos os desejos de mudar aquilo que eu tomo. Isso me faz parte de um campo diferente e mais amplo e muda meu campo. "Ressonância de campo".

Eu fiz essa conexão porque às vezes vejo o mesmo acontecer entre o cliente (sistema) e o cavalo (sistema) no trabalho com os cavalos. Esses foram momentos íntimos em que ocorreu um intercâmbio profundo entre cavalo e

cliente e depois o cliente também indicou que ele se encontrou num estado completamente diferente do que antes da sessão. As sessões tinham em comum que eram sem palavras, que havia certa urgência e que havia uma disposição ativa por parte do cliente para aceitar incondicionalmente o que ocorreria entre ele e o cavalo. "Receber".

"We state" "Estado nós":

Devido à sua sensibilidade, natureza e percepção sutil é importante deixar vir o movimento a partir do cavalo. Precisamos considerar e reter nosso comportamento de predadores para poder trabalhar com a informação do cavalo. Então a informação vinda do cavalo pode se revelar. Isso significa restrição na aproximação, no toque e no espaço.

Se fizermos o movimento de nós para o cavalo, deve ser um movimento sensível e receptivo. Respeitamos o espaço do cavalo. Devemos, portanto, estar sempre conscientes da reação do cavalo à nossa aproximação. Quanto mais percebemos isso em essência e sabermos honrar, mais informações essenciais receberemos deste animal. Então, surge algo como o que eu chamaria de "Estado nós": um espaço silencioso no qual podemos experimentar nosso lugar no todo maior, o ponto em que tinha unidade e, possivelmente, também o ponto aonde a unidade se separou ou estava em perigo. Unidade é não-dualidade. A separação dá dualidade e ao mesmo tempo dá potencial para um movimento ou um processo. Em certo sentido, a dualidade também pode levar a um movimento em direção a (outra) totalidade, ou seja, a conexão antiga mudou definitivamente e estou conectada de maneira diferente. Essa é a essência da transformação: permitir se conectar de maneira diferente e se render à grandeza da força criativa subjacente que causa esses movimentos. Esse é um "nós" além do "nós" que criamos como conceito. É um "nós" que também está em contato com o futuro emergente e com todo o potencial que chama vida. Quando olhamos para os

cavalos com esses óculos podemos nos perguntar se sobreviveram 65 milhões de anos ou aprenderam a trabalhar em conjunto com essa força criativa?

Reflexão: prevenção versus intervenção

O "estado nós" e a ressonância levantam outra questão interessante: uma intervenção também não é sempre tarde demais? Seria também possível fazer algo que coloca o cliente em uma posição onde é possível entrar em uma situação de transformação? Você poderia chamar isso de prevenção. A questão é então: quais condições eu crio como facilitador para que esse estado possa surgir.

O que é essencialmente facilitar?

A essência da atitude interna do facilitador é que o cliente pode experimentar no facilitador a integridade. Eu também chamo isso do encontro com o não-dual: no facilitador o cliente pode experimentar o "não contradição". Essa não contradição é silenciosa, impessoal e não tem início nem fim: não há nada que queira se mover.

Ao mesmo tempo, o facilitador é igual ao cliente à luz do algo maior; isso significa que o facilitador e o cliente tomam ambos de um campo ou de uma fonte ao qual o cavalo aparentemente tem acesso. Em essência, o campo passa pelos cavalos, o supervisor e o cliente. Facilitar é, por assim dizer, oferecer um espaço de contenção para tornar acessível um "estado nós" para que o próprio cliente tenha acesso à sabedoria desse campo através dos cavalos.

Rendição

Quem se entrega a quem ou ao quê? Esse é um elemento importante: o cliente não se entrega ao facilitador, mas ao campo. Quando o facilitador não pode se render e vai facilitar a partir da perspectiva pessoal surge uma transferência e o grande medo do cliente associado a isto: o medo de que não haja amor. O primeiro passo neste processo, portanto, começa com a entrega do facilitador ao campo. Os cavalos são a porta para este campo e o facilitador torna o cliente ciente da porta.

Rendição e distinção.

Entregar-se ao campo é, portanto, o primeiro passo. Sabemos também que há diferentes campos de força ativos numa sessão. Além de se render, também é importante desenvolver um olhar afiado para a distinção. Distinção é reconhecer qual campo está sendo ouvido e qual campo ainda não foi ouvido ou olhado o suficiente. Trata-se de questões pessoais, questões coletivas ou, em vez disso, daquilo que quer se mostrar a partir do futuro.

Onde está nosso foco e o que é necessário como um facilitador para se tornar completo?

O que isso demanda do facilitador?

Ordenamento

O facilitador se concentra em todo o sistema ou campo em vez de focar no cliente pessoalmente.

O facilitador abandona os desejos pessoais de ajudar.

O facilitador se entrega aos movimentos dos cavalos e pode distinguir o funcionamento dos diferentes campos.

Compleitude

O facilitador tem a capacidade interna de deixar para trás enquanto facilitador a distinção entre bem e mal.

O facilitador sempre registra o que não é dito, quem não é mencionado, o que não é observado. Ele é guiado nisto pelo cavalo.

Vitalidade

O facilitador tem a capacidade de analisar a finitude de um sistema e de olhar para si mesmo.

O facilitador está disposto a dizer sim ao que quer se mostrar a partir do futuro emergente